

A VERDADE COMO FENÔMENO ORIGINÁRIO DO *DASEIN* NO § 44 DE *SER E TEMPO*

Rafael Ribeiro de Almeida*

Resumo: O texto desenvolvido pretende evidenciar a crítica de Martin Heidegger ao conceito tradicional de verdade, que a define como adequação do intelecto à coisa. Para tanto, examina-se o §44 de *Ser e Tempo* no qual o autor recorre ao sentido mais originário de “verdade”, a fim de compreendê-la em um sentido ontológico-existencial. Neste sentido, o fenômeno em questão não é mais reduzido à vazia relação sujeito-objeto, antes, porém, verdade passa a ser articulada com a própria constituição fundamental do *Dasein*, que é de ser-no-mundo

Palavras chave: Verdade. Dasein. Sentido originário. Desvelamento.

116

1. INTRODUÇÃO

Segundo Heidegger em *Ser e Tempo*, as determinações teóricas do conceito de verdade por parte da tradição filosófica encobriram o sentido que os gregos, numa compreensão pré-filosófica, conferiram a este termo enquanto desvelamento (ἀ-λήθεια). De acordo com essa tradição, tão somente o conhecimento proposicional pode se mostrar verdadeiro na medida em que realiza uma adequação do intelecto à coisa. Com efeito, a fim de recuperar o sentido de “verdade” a partir da apropriação originária desse fenômeno, Heidegger, no famoso § 44 de *Ser e Tempo*, recorre aos gregos, aqueles que foram os primeiros a elaborar uma compreensão ontológica da verdade. É a partir da ideia de verdade expressa pelos

* Aluno do curso de Filosofia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: estudosrafael@gmail.com. Uma versão inicial do presente texto, com título diferente, foi apresentada na VII Semana de Filosofia, promovida pelo curso de filosofia da Uesb, realizada nos dias 15 a 19 de outubro de 2018.

gregos que Heidegger compreende e explicita o fenômeno da verdade em um sentido ontológico-existencial.

Diferente da tradição filosófica ocidental que, em última instância, reduz a verdade à mera relação sujeito-objeto, para Heidegger a constituição fundamental do *Dasein* de ser-no-mundo é o que constitui, este sim, o fundamento do fenômeno originário da verdade. Ademais, em consonância com o parágrafo 44, des-velar ou des-encobrir um instrumento consiste em considerá-lo, por assim dizer, em um conjunto instrumental para o qual visa, em última instância, a um *para quê primordial* ligado ao projeto existencial do *Dasein*.

Assim sendo, no primeiro item pretende-se identificar e examinar o modo pelo qual o conceito de verdade foi definido pela tradição ocidental da filosofia. Neste, observa-se que a natureza da verdade define-se como conformação (ou adequação) do intelecto à “coisa” (termo utilizado pela tradição, por exemplo, Tomás de Aquino). “Não-verdade”, neste raciocínio, equivale à não-concordância, isto é, conhecimento falso. Ao cabo, busca-se trazer à tona a crítica heideggeriana ao fundamento que torna possível a concordância de algo com algo, a saber, o fundamento 117 que reduz a verdade à corrente relação sujeito-objeto. No segundo item, analisa-se o leitmotiv do §44 no qual Heidegger sugere um contraponto à acepção corrente de verdade, qual seja: a verdade originária. Enquanto esta exerce um papel fundador, o conceito tradicional apresenta uma verdade fundada. Nota-se, assim, a precisão (ontológica) de Heidegger em traduzir *ἀ-λήθεια* por *Unverborgenheit* (desvelamento). Além disso, importa destacar o decisivo nexos ontológico-existencial que Heidegger confere entre verdade e *Dasein*. *Dasein* “é” por essência verdadeiro e neste sentido “é” também não-verdadeiro: examina-se, neste item, mais uma vez o posicionamento veementemente contra que Heidegger estabelece com o (subjacente) paradigma que reduz a verdade ao par sujeito-objeto. Ao cabo, pretende-se evidenciar, de acordo com §44, que des-velar um instrumento é considerá-lo em um conjunto instrumental para o qual visa, em última instância, a um *para quê primordial* ligado ao projeto existencial do *Dasein*.

2. CONCEITO TRADICIONAL DE VERDADE

De acordo com a apreensão tradicional da essência da verdade, este fenômeno exprime-se tão somente no âmbito do conhecimento proposicional. Basicamente, o arcabouço filosófico da tradição contempla três teses sobre a essência da verdade (HEIDEGGER, 2012, p. 595): [i] o “lugar” da verdade reside na proposição ou juízo; [ii] a essência da verdade diz respeito à concordância entre juízo e seu objeto; [iii] Aristóteles sedimentou a definição de verdade como “concordância”. Neste sentido, vale trazer à tona um filósofo que contribuiu decisivamente para a sedimentação do conceito de verdade enquanto adequação:

... a conveniência (*convenientia*) do ente ao intelecto é expressa pelo nome ‘verdadeiro’ (*verum*). Pois todo o conhecimento realiza-se pela assimilação do cognoscente à coisa conhecida. [...] A primeira consideração quanto ao ente e intelecto é pois que o ente concorde com o intelecto: esta concordância diz-se adequação do intelecto e da coisa, e nela formalmente realiza-se a noção de verdadeiro. Isto é pois aquilo que o verdadeiro acrescenta ao ente, a saber, a conformidade ou adequação da coisa e do intelecto, a cuja conformidade, como se disse, segue-se o conhecimento da coisa (AQUINO, 2011, p. 149).

118

De acordo com essa concepção corrente, a *natureza* da verdade define-se por excelência como acordo (*Einstimmigkeit*), concordância (*Übereinstimmung*) ou conformidade (*Angleichung*) (ZARADER, 1990, p. 63). Nessa perspectiva, o fenômeno da verdade manifesta-se tão somente no âmbito do *intelecto* na medida em que o conhecimento que ele exprime se mostra verdadeiro. Em *Verdade e Conhecimento*, no Artigo 2 (Se a verdade encontra-se antes no intelecto do que nas coisas), Tomás de Aquino ressalta: “Ora, uma coisa só se diz verdadeira enquanto é adequada ao intelecto, pelo que o verdadeiro encontra-se nas coisas posteriormente, *primariamente pois no intelecto*” (AQUINO, 2011, p. 161. Grifo nosso). E mais: “o verdadeiro diz-se primeiramente do intelecto e posteriormente da coisa com que se dá adequação” (AQUINO, 2011, p. 163). Nota-se, com isso, que o termo verdade,

segundo o arcabouço filosófico tradicional, possui uma estrutura de concordância entre conhecimento e objeto, em termos de adequação entre os entes sujeito e objeto, e mais do que isso verdade é neste contexto situada, essencialmente, no âmbito intelectual já que se trata de uma conformidade do intelecto à coisa:

... mesmo que não existisse intelecto humano, as coisas dir-se-iam ainda verdadeiras em ordem ao intelecto divino; mas se ambos os intelectos, permanecendo as coisas, o que é impossível, fossem eliminados, de nenhum modo permaneceria a noção de verdade (AQUINO, 2011, p. 163)

Ademais, a partir do contexto medieval do dogma cristã, o fundamento da verdade passa a estar no próprio Deus, o que equivale a dizer: se a verdade do conhecimento humano pode ser concebida como concordância com a coisa, o fundamento dessa concordância reside, em última instância, na própria ordem divina:

Não há todavia nenhuma coisa que o intelecto divino não **119** conheça em ato e o intelecto humano em potência, daí que se diga que o intelecto agente é o meio 'de fazer todas as coisas', enquanto o intelecto possível é o meio de 'tornar-se todas as coisas': daí que na definição do verdadeiro pode-se colocar a visão em ato do intelecto divino, mas do intelecto humano só a potencial, como fica claro pelo que foi dito acima (AQUINO, 2011, p. 165).

Em *Suma Contra os Gentios* - cuja intenção central é a delimitação entre as verdades da fé e as verdades da razão - Tomás de Aquino afirma: “Embora a supracitada verdade da fé cristã exceda a capacidade da razão humana, os princípios que a razão tem postos em si pela natureza não podem ser contrários àquela verdade [da fé]” (AQUINO, 1990, p. 28). Vê-se, assim, que *intellectus divinus* é tomado pela ontoteologia como aquele que funda a conformação entre coisa e proposição, permitindo deste modo a sedimentação conceitual da verdade em termos de conformidade.

Aplicando este conceito de verdade: à pergunta “o que é caneta?” considera-se que a resposta seja de certa forma uma coisa pontiaguda com a propriedade tinta esferográfica. O conhecimento expresso nessa enunciação só se mostra verdadeiro à medida que permite uma determinada verificação, qual seja, verifica especificamente o ente intramundano chamado caneta, se ele de fato é uma coisa pontiaguda com tinta esferográfica, ou seja, se a proposição anunciada (o conhecimento proposicional) coincide com o objeto. Tomás de Aquino, em *Verdade e Conhecimento*, diz: “o verdadeiro é aquilo que é, ou seja, quando de alguma coisa que é, diz-se que é” (AQUINO, 2011, p. 151). Assim, a sentença em questão só pode apresentar um conteúdo “verdadeiro” na medida em que há uma *adequação/conformação* entre aquilo que ela exprime do intelecto (a caneta é uma coisa pontiaguda com a propriedade tinta esferográfica) com a “coisa” sobre a qual ela pronuncia. Em contrapartida:

Uma vez que a essência da verdade consiste na concordância, a não-verdade será não-concordância; e uma vez que a verdade tem o seu lugar eminente no conhecimento, a não-verdade será desconhecimento, quer dizer, ainda conhecimento, mas conhecimento falseado - erro (ZARADER, 1990, p. 65). 120

Ou seja, conhecimento falso, segundo a acepção corrente de verdade, é justamente aquele que não coincide ou não concorda com o objeto a que está remetido (é falso assinalar “esta caneta diante de mim é redonda e de pano”).

Não obstante, importa também destacar os vários âmbitos (filosófico, científico, moral, etc) que essa acepção de verdade alicerçou ao longo dos anos no ocidente:

Este pressuposto inspirou não somente as querelas filosóficas do realismo e do idealismo, mas marcou, também, profundamente a visão ocidental do mundo: ser verdadeiro é ajustar-se ao real, dominar a coisa sob o olhar do espírito. Comandou, em parte, a formulação tradicional do problema moral e serviu de apoio à axiologia moderna. Encontramo-lo no centro da interpretação

do mundo pela práxis e da mentalidade técnica contemporânea (RESWEBER, 1979, p. 112).

Posto isso, Martin Heidegger posiciona-se de modo a questionar, radicalmente, o fundamento que, em última instância, articula e implica o fenômeno da verdade com o âmbito do conhecimento. Ao filósofo alemão interessa revelar, para além da crítica epistemológica da tradição, as consequências ontológico-existenciais que este conceito de verdade implica. O que está em jogo, de modo tácito, quando se toma verdade como relação do intelecto à coisa? Que caráter ontológico está implícito? Com isso, o autor pergunta-se pelo paradigma considerado o qual permite afirmar que verdade consiste nessa relação de conformidade entre intelecto e coisa.

Heidegger em *Ser e Tempo* (2012, p. 595-6) identifica e questiona o fundamento que torna possível a concordância de algo com algo, a saber, o fundamento que reduz a verdade à corrente relação sujeito-objeto – o primeiro considerado como um “eu puro”, interioridade encapsulada em uma “consciência”, e o segundo enquanto objeto externo simplesmente dado dentro do mundo. “Dizer que o enunciado é uma mostraçãoda *própria coisa*, é situar-se *de fato* para lá da problemática cartesiana da subjectividade, e das aporias a que conduzia” (ZARADER, 1990, p. 66. Grifos da autora). Trata-se, então, de um paradigma segundo o qual há uma explícita separação ontológica entre intelecto e coisa, entre sujeito e objeto.

A fim de desvincular a ideia de concordância sedimentada como conceito único de verdade, o §44 de *Ser e Tempo* traz à tona a interpretação mais originária de verdade: verdade como aparição que tem necessidade de surgir do encoberto para ser o que é. Dessa forma, *Ser e Tempo* contrapõe-se à apreensão tradicional de verdade cujo sentido é simplesmente lógico-semântico (STEIN, 2006, p. 151). Em vista disso, o que interessa ao filósofo, neste empreendimento, é apresentar o fenômeno da verdade em um sentido ontológico-existencial, contudo esta dimensão existencial não deve ser aqui interpretada do ponto de vista de conteúdo ligado à existência concreta, antes, porém, trata-se de um ponto de vista formal, quer dizer, o *Dasein*, enquanto ser-aí, concebido como modo de ser-no-mundo (Cf. STEIN, 2006, p. 156). Neste sentido, Martin

Heidegger propõe-se (re)aproximar o conceito de verdade ao modo de ser do *Dasein*, ao *aí* do *ser-aí* – ou seja, ele remete a verdade a uma dimensão (pré-teórica) anterior à dimensão proposicional. Desde que somos-no-mundo, há um auto-compreender-se anterior ao âmbito da proposição, e justamente nisso reside a experiência da verdade originária (Cf. STEIN, 2006, p. 160). Assim sendo, no §44 de *Ser e Tempo* o significado de desvelamento transparece através do ato de existir do ente que nós mesmos somos. Numa palavra: o autor estabelece um nexó ontológico entre verdade e *Dasein*, o que o conduz a essa abordagem por meio de parâmetros existenciais.

3. FENÔMENO ORIGINÁRIO DA VERDADE: NEXO ENTRE VERDADE E *DASEIN*

O escopo do parágrafo 44 dirige-se, por excelência, a todas as questões que separam, ou unem, a ἀλήθεια de verdade. Não se trata, porém, de uma investigação eminentemente histórica. Heidegger não está se propondo localizar a definição “mais antiga” do termo em discussão. Antes, porém, ele verifica a necessidade de uma regressão que leve dessa acepção corrente da filosofia aos seus pressupostos ontológicos mais primordiais, por assim dizer. Conforme ressalta Marlène Zarader, em *Heidegger e as Palavras da Origem*: “O que nos importa, tanto em Heidegger como no nosso próprio trabalho, é menos a exatidão histórica, ou mesmo filológica, do que a verdade da origem”¹ (ZARADER, 1990, p. 106). Para tanto, o autor de *Ser e Tempo* recorre ao contexto dos primeiros pensadores gregos os quais mantinham uma compreensão e uma experiência da “verdade” em um sentido mais original, a saber: verdade enquanto des-encobrir o ente em seu desvelamento, retirando-o do velamento. 122

Além disso, é preciso esclarecer, logo de saída, dois equívocos que uma leitura mais sumária do parágrafo 44 de *Ser e Tempo* poderia nos levar a crer. Primeiramente, em nenhuma parte do parágrafo em investigação Heidegger se posiciona de modo a classificar a acepção

¹ “... a língua grega é mais do que a língua do começo: é o abrigo da origem” (ZARADER, 1990, p. 77).

corrente de verdade como errônea - o objetivo do autor não é *corrigir* esta concepção de verdade. Antes, porém, inicialmente ele se limita a identificá-la somente como uma *derivação* de algo mais primordial, quer dizer, a concepção tradicional de verdade é deslocamento, transformação ou, no máximo do limite, encobrimento de uma experiência mais primordial da ἀλήθεια (ZARADER, 1990, p. 61). (Portanto: a verdade em seu sentido original exerce papel *fundador*, ao passo que a concepção tradicional é uma verdade *fundada*). Neste sentido, a posição heideggeriana não busca recusar e tampouco descartar tal conceito corrente, mas, isto sim, resgatar sua *raiz originária* a fim de desvincular a ideia de concordância sedimentada como conceito único de verdade.

Em segundo lugar, para os Gregos a ideia de verdade estava intimamente ligada com o sentido de tirar o véu, de tirar do ocultamento, daí o porquê foi inicialmente chamada ἀλήθεια. Neste sentido, visto que o termo *veritas* - com que os romanos traduziram ἀλήθεια - já não comporta nenhum traço do caráter grego originalmente essencial, Heidegger, por sua vez, sugere no parágrafo 44 a tradução de ἀλήθεια não mais por “verdade” e sim por “*Unverborgenheit*, desvelamento ou não-velamento” (ZARADER, 1990, p. 77). Contudo, isto significa que Heidegger quer nos propor, com desvelamento, o que precisamente os Gregos perceberam ou deliberaram? Isto é, o autor de *Ser e Tempo* pretende trazer à luz *de maneira exata e literal* o que o contexto grego pensava da palavra ἀλήθεια? Certamente que não. Com *Unverborgenheit* (desvelamento), Martin Heidegger coloca-se o afã de nos fazer ouvir, através de uma palavra alemã, aquilo que essencialmente ressoava no termo grego ἀλήθεια. O sentido sugerido de saída para fora do abrigo, de arrancado da ocultação - ou seja: “des-velar” -, pretende exprimir aquilo que se colocava essencialmente em jogo no original ἀλήθεια e somente isso. Em suma, a tradução por desvelamento

tende a tornar audível o que esta palavra [ἀλήθεια] nomeia, aquilo para que aponta, ainda que sobretudo o tenha feito sem que os próprios Gregos o soubessem - quer dizer que se esforça por clarificar *o que eles não pensavam* [sic], mas a partir do quê, todavia, se desenvolvia o seu pensamento (ZARADER, 1990, p. 78).

Vê-se, então, que o esforço de Heidegger reside em *clarear* na medida do possível aquilo a partir do qual os gregos pensavam e experimentavam o que pensavam.

Com efeito, visto que o ente que nós somos comporta-se com seu ser colocando-o em jogo (em sendo), então a “essência” deste ente - na medida em que possa falar de essência na filosofia heideggeriana - só pode consistir em ter de ser, ou melhor, em ter de existir a fim de determinar a possibilidade que o *Dasein* é: a “essência” do *Dasein* jaz em sua existência (HEIDEGGER, 2012). Neste raciocínio, o referido nexos estabelecido por Heidegger diz respeito à essência do *Dasein* que consiste em estar existindo, ou seja, o momento pelo qual o *Dasein* projeta sua abertura des-cobridora a fim de determinar a possibilidade que ele mesmo é - com efeito, é em face dessa abertura que se mostra o fenômeno mais originário da verdade (HEIDEGGER, 2012, p. 609).

Neste sentido, *Dasein é por essência verdadeiro*. No §44, esta afirmação é constituída basicamente por duas vias. Em primeiro lugar: “Na medida em que o *Dasein* é essencialmente sua abertura e, aberto, abre e descobre, ele é essencialmente 'verdadeiro' (HEIDEGGER, 2012, p. 611). *Dasein* é por excelência verdadeiro pois é essencialmente abertura e projeção, ambas as duas des-cobridoras - ressalta-se aqui o adjetivo *des-cobridor*. Verdade está relacionada com a abertura que *Dasein*, enquanto ser-aí, confere essencialmente a seu ser (isto é, a verdade está relacionada com o ser-descobridor). De acordo com o raciocínio de Zarader (1990, p. 69): “Vemos assim mais claramente em que é que a verdade da enunciação é necessariamente segunda em relação à da aparição”: uma “coisa” só pode ser enunciada como tal (verdade do juízo) se já foi des-coberta como tal pelo *Dasein*. Só um ente (ou “coisa”, como situa a tradição) des-encoberto pode se tornar ele próprio objeto de uma representação, e é esta a verdade que Heidegger considera como “verdade que é de facto a da 'coisa', mas que já nada tem de uma conformidade: é o estar-descoberto (*Entdecktheit*) do ente como tal” (ZARADER, 1990, p. 69). Ou seja, a verdade mais original (a do des-velamento) não concebe o ente como o que está simplesmente aí, mas o ente que vem ao aparecer, que surge ao sair justamente do des-

ocultamento e se mantém enquanto tal na des-coberta. Desse modo, nota-se que o fenômeno da verdade se manifesta no próprio *Dasein*, já que ele se mostra verdadeiro ao *des-cobrir* aquilo para o qual se abre no próprio movimento de seu existir.

Em segundo lugar, a verdade pertence ao *Dasein* de modo essencial no seguinte sentido: “A verdade, entendida em um sentido originário, pertence à constituição-fundamental do *Dasein*” (HEIDEGGER, 2012, p. 625). Considera-se verdadeiro o próprio ser do *Dasein* que está em jogo. Ao assinalar que a verdade faz parte da essência do ser, Heidegger coloca-se contra a tradição, visto que estabelece entre ser e verdade não apenas uma relação essencial, mas também define a verdade como *propriedade* do ser. Ao (re)enviar a verdade ao ser, Heidegger pretende com isso aproximar-se do que foi a experiência original da verdade, consoante a palavra *ἀ-λήθεια*. Segundo Marlène Zarader (1990, p. 95):

[...] dizer que a verdade faz parte da essência *do ser* [sic], é desligá-la efetivamente do lugar que lhe era tradicionalmente atribuído, onde se reduzia a ser apenas uma característica do juízo humano.

125

Justifica-se, então, que no famoso § 44 de *Ser e tempo Dasein* é por essência verdadeiro por duas vias. Por um lado, a verdade é tomada como propriedade do ser, quer dizer, a verdade é aquilo que ele mesmo é naquilo que lhe é próprio. Por outro, observa-se que verdade, enquanto fenômeno originário, está relacionada ao modo fundamental do *Dasein*: sua abertura (des-cobridora), como indica o próprio título do §44.

Além disso, verdade só é verdade enquanto *Dasein* “é”, ou seja, o fenômeno da verdade implica uma mútua relação entre verdade e *Dasein*. Na medida em que o *Dasein* é, a verdade “se dá”, quer dizer, uma vez retirado o ente do velamento (pela abertura descobridora), “se tem” a verdade. Um ente só é descoberto se e tão somente se o *Dasein* conferir abertura ao seu ser. Em contrapartida, o *Dasein* também apresenta uma implicação com a verdade, já que é o descobrimento que torna, ontologicamente, possível que ele possa ser. É a verdade, enquanto des-ocultamento e des-velamento, que torna, ontologicamente, possível a efetivação da abertura e do poder-ser do *Dasein*.

Eis, então, como se apresenta esse jogo de implicação mútua: a verdade “se dá” na medida em que *Dasein* se determina ao conferir abertura ao seu ser, e *Dasein* se determina colocando seu ser em jogo na medida em que a verdade “se dá”: “E esta [verdade] só é na medida e enquanto o Dasein é. Ser e verdade 'são' de igual originariedade” (HEIDEGGER, 2012, p. 635). Ou seja, a verdade “se dá” porque *Dasein* existe, e *Dasein* existe porque a verdade “se dá”, ou, dito de outro modo: a verdade se manifesta à medida que o próprio *Dasein* se manifesta. Neste sentido, o comentador de *Ser e Tempo* Jean-Paul Resweber esclarece: “[verdade] é o desvelamento (*a-lêtheia*) que faz sair do Ser do Esquecimento (*lêthe*)” (RESWEBER, 1979, p. 113). Nota-se, então, que *Dasein* e verdade são e estão implicados em umnexo existencial.

Posicionando-se contra o paradigma que reduz a verdade à corrente relação sujeito-objeto, o §44 de *Ser e Tempo* afirma (HEIDEGGER, 2012, p. 607): a constituição fundamental do *Dasein* de ser-no-mundo é o que constitui o fundamento do fenômeno originário da verdade; a partir disso pode-se assinalar “*O Dasein é 'na verdade'*! Essa enunciação tem sentido ontológico” (HEIDEGGER, 2012, p. 611. Grifos do autor). “O descobrir é um modo-de-ser do ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2012, p. 611). Ao conferir abertura a seu ser, isto é, ao existir, *Dasein* já está-no-mundo. Diferente das entidades desprovidas da estrutura do “ser-no-mundo”, que estão dentro do mundo, o *Dasein* está *no* mundo, isto é, *Dasein* é por excelência mundano.

Neste sentido, pode-se entender com mais veemência a afirmação “*O Dasein é 'na verdade'*” (HEIDEGGER, 2012, p. 611. Grifos do autor). Ora, por um lado, conforme já exposto, *Dasein* é a verdade na medida em que ele só é ao expor sua abertura descobridora, ou seja, existir nesse caso designa a abertura desveladora que o *Dasein* confere ao seu ser. Verdade consiste nesse movimento essencial do ser do *Dasein* que descobre aquilo para o qual se abre – é na ação da abertura descobridora do *Dasein* que se mostra o fenômeno mais originário da verdade. Por outro lado, *Dasein* está *na* verdade ao passo que está desde sempre junto-ao-mundo, quer dizer, desde sempre junto aos entes intramundanos os quais são desvelados e descobertos justamente pela abertura verdadeira do *Dasein*: “O ser junto ao ente do-interior-do-mundo, a ocupação, é

descobridor” (HEIDEGGER, 2012, p. 619). Assim, diferente da perspectiva da tradição filosófica que encara a verdade como adequação, o *Dasein* não está “fora” ou mesmo “sobre” a verdade, e tampouco é entendido como um “eu puro”, interioridade fechada em uma consciência, como são os casos do “*penso, logo sou* de Descartes, o *eu penso* de Kant, o *saber absoluto* de Hegel ou algum outro tipo de afirmação da subjetividade” (STEIN, 2006, p. 153). Antes, porém, não apenas o parágrafo 44, mas a obra completa de *Ser e Tempo* que Heidegger nos deixou (STEIN, 2006, p. 154-5) pretende que todos seus enunciados, através do método fenomenológico, não sejam enunciados simplesmente referidos à subjetividade, mas, isto sim, referidos ao *Dasein* e à sua condição de ser-no-mundo². Não obstante, Mundo é em si mesmo um constitutivo do *Dasein*, de modo que a expressão ser-no-mundo já em sua composição, dirige-se a um fenômeno de *unidade* e não de fragmentação de mais de um elemento (o “ser” “no” “mundo”). Ao conferir abertura ao seu ser *Dasein* já está-no-mundo, ele só é como é, sendo-no-mundo. Daí o porquê Resweber assinala que a verdade é a própria constituição ontológica do *Dasein*: “quer seja teórica, prática ou poética, toda atitude ôntica do ‘Dasein’ está integrada na Verdade de um modo estrutural” (RESWEBER, 1979, p. 116). 127

Neste sentido, também se deve considerar: *Dasein é e está na não-verdade*. “A condição ontológica-existencial de que o ser-no-mundo é determinado pela ‘verdade’ e pela ‘não-verdade’ reside *na* constituição-de-ser do *Dasein*” (HEIDEGGER, 2012, p. 616). *Dasein* é e está desde sempre na verdade e na não-verdade, ao passo em que respectivamente ele está desde sempre diante do descobrimento e velamento. Nota-se, neste item, mais uma vez o posicionamento veementemente contra que Heidegger estabelece com o (subjacente) paradigma que reduz a verdade ao par sujeito-objeto: uma vez assinalado que o *Dasein* participa

² Eis a fronteira que forja uma diferença da filosofia heideggeriana com as filosofias da representação, da consciência e da subjetividade: Heidegger esforça-se por uma transcendentalidade *sem sujeito*. A palavra *analítica* é tirada por Heidegger, sem dúvida, da leitura que ele faz de Kant. Contudo, ao passo que em Kant tem-se uma analítica transcendental, em Heidegger vê-se uma analítica *existencial* (STEIN, 2006, p. 155-6).

primordialmente do jogo verdade e não-verdade, Heidegger com isso desfaz o fetichismo de um saber absoluto, de uma consciência que se pensa a si mesma pela transparência (Hegel), quer dizer, Heidegger coloca em xeque qualquer possibilidade de um eu puro (Kant), de um sujeito apoditicamente afirmado a partir do qual fundamenta-se todo o conhecimento (Descartes) (STEIN, 2006, p. 174-5). Logo, *Dasein* se determina em sua abertura por meio dos contrapontos verdade e não-verdade que no limite se completam (modo de ser descobridor e encobridor).

Ademais, uma vez que a estrutura de ser-no-mundo é o que constitui o fundamento originário da verdade, des-velar um instrumento de acordo com *Ser e Tempo* é considerá-lo em um conjunto instrumental para o qual visa, em última instância, a um *para quê primordial* ligado ao projeto existencial do *Dasein*. Assim, a verdade sobre um ente intramundano chamado caneta não reside em defini-lo como “uma coisa pontiaguda com a propriedade tinta esferográfica”. Des-velar e des-cobrir o instrumento que chamamos caneta está ligado a todo um contexto conforme a pertinência de outros instrumentos. Por exemplo: “caneta” está *para* escrever no “papel”, *para* registrar no “caderno”, *para* estudar sobre a “mesa”, *para* ler sob a “lâmpada”, *para* E mais. 128

De um ponto de vista ontológico-existencial, como descreve *Ser e Tempo* (HEIDEGGER, 2012), a própria totalidade instrumental (caneta-papel-caderno-mesa-lâmpada-etc), em última instância, também remonta a um *para quê*, agora, porém, ligado ao projeto existencial do *Dasein*. É neste *para quê* que reside o aspecto ontológico-existencial da verdade: “caneta” está *para* escrever no “papel”, *para* registrar no “caderno”, *para* estudar sobre “mesa”, *para* ler sob a “lâmpada”, *para* ... em função de *estudar para o mestrado, em função de pesquisar filosofia, em função de lecionar*. Quer dizer, des-velar e des-encobrir o instrumento caneta não é considerá-la, em si e por si mesma como uma “coisa”, antes, porém, esse instrumento só pode ser o que ele é apenas em um conjunto instrumental para o qual visa, em última instância, a um *para quê primordial* ligado ao projeto existencial do *Dasein*. O resultado não poderia ser outro: supera-se o conceito de tradicional de verdade e estabelece-se o nexos verdade e *Dasein*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto buscou abordar a crítica de *Ser e Tempo* à concepção tradicional da essência da verdade, segundo a qual apenas o conhecimento pode se mostrar verdadeiro na medida em que realiza uma adequação do intelecto à coisa. Com efeito, o § 44 de *Ser e Tempo* traz à tona a interpretação mais originária do fenômeno da verdade enquanto jogo de des-cobrir, de des-velar e de des-ocultar. Dessa forma, Heidegger passa a compreender o fenômeno em questão em um sentido ontológico-existencial, fundamentalmente diferente da tradição. Essa nova concepção de verdade transparece no momento em que o *Dasein* projeta sua abertura des-cobridora a fim de determinar a possibilidade que ele mesmo é.

Assim, Martin Heidegger questiona o fundamento que, em última instância, reduziu a verdade à corrente relação sujeito-objeto. Para o autor de *Ser e Tempo*, a constituição fundamental do *Dasein*, qual seja, de ser-no-mundo, é o que constitui o fundamento do fenômeno originário da verdade. O corolário disso é a compreensão de que o *Dasein* é e está na verdade. *Dasein* está na verdade na medida em que está desde sempre junto-ao-mundo. 129

Neste paradigma, des-velar e des-encobrir um instrumento não consiste em considerá-lo, em si e por si mesmo, como uma “coisa”, antes, porém, tal utensílio só pode ser o que ele é apenas em um conjunto instrumental para o qual visa, em última instância, a um para quê primordial ligado ao projeto existencial do *Dasein*.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AQUINO, Tomás de. **Suma Contra os Gentios – livros I e II**. Trad. D. Odilão Moura O. S. B. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1990. [Bilíngue].

_____. **Verdade e conhecimento.** Trad. Luiz Jean Lauand, Mario Bruno Sproviero. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. [Bilíngue].

DUROZOI, Gerard; ROUSSEL, Andre. **Dicionário de filosofia.** Trad. Marina Appenzeller. 2. ed. Campinas: Papirus, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** Trad. Fausto Castilho. Campinas: Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012. [Bilíngue].

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger.** Trad. Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

RESWEBER, Jean-Paul. **O pensamento de Martin Heidegger.** Trad. João Agostinho A. Santos. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

STEGMÜLLER, Wolfgang. **A filosofia contemporânea: introdução crítica.** São Paulo: EPU, 1977.

STEIN, Ernildo. **Sobre a verdade: lições preliminares ao parágrafo 44 de *Ser e Tempo*.** Ijuí: Unijuí, 2006.

ZARADER, Marlène. **Heidegger e as palavras da origem.** Trad. João Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

130

Rafael Ribeiro de Almeida

<http://lattes.cnpq.br/7049256815418792>